



O Pregão de Sam NICOLAU

Recitado em 5 de Dezembro de 1936
pelo sextanista

Helder Raúl de Lemos Rocha.

III



AO VELHO ESTUDANTE APOSENTADO
JERÔNIMO SAMPAIO,
À SUA ALMA ARDENTE E SEMPRE MÔÇA

É O QUE POSSO OFERTAR DE TÔDA ESTA POBREZA
— VERSOS DA MINHA LIRA, O POUCO QUE ME RESTA —
À ALMA DE LUAR, DE SONHO, DE BELEZA,
QUE SEMPRE ILUMINOU DE AMOR A NOSSA FESTA!

O AUTOR.

TP. MINERVA VILHARTINS

E' a mocidade a rir! Deixai-a rir, senhores!
Que tódo o riso aberto, e franco, e esfusiante,
E' como num jardim o buliçar das flores
Onde o perfume é vida intensa e perturbante!

E' a mocidade a rir ao sol desta alegria
Vibrante de calor, de sonho e fantasia!

Deixai-a rir, senhor's! Cada risada sua
E' uma rosa que se abre em pétalas doiradas!
Barco, no glauco mar, perdido, que flutua,
Asas, no azul do céu, bem alto, em revoadas!

A vida! A vida é assim! A gargalhada estala
E tudo ela nos diz, bem claro ela nos fala!

Há tóda a vida sã no estrelajar do riso:
A bondade, a elegância, a graça, a ironia!
Uma bôca que ri, com vida, é um Paraíso
Que neste mundo se abre em halos de alegria!

Nós, os **Velhos**, já não sabemos rir assim!
Não pode rir quem perto está nas mãos do fim!
Nós, os **Velhos**, talvez, chegados a esta idade,
Em que o corpo se verga à paz do Campo-Santo,
Ao ouvirmos que ri, mais louca, a mocidade,
Mais sentimos na alma o borbulhar do pranto!
Mas o chorar faz bem! Por vós, até consola!
À nossa mágoa, pois, é vosso riso esmola!

Deixai-a rir, senhor's. E' a mocidade, a louca,
Que traz sempre a pulsar o coração na bôca!

A mocidade quer-se alegre e radiosa,
Quer-se sempre gentil, galante e aprumada!
Ora tangendo a lira em sonhos, amorosa,
Ora empunhando, altiva, a reluzente espada!

Que saiba conjugar o *verbo amar* a eito
E saiba entontecer uns olhos de mulher!
Que traga na batina, à altura de seu peito,
Branquinha como a neve a flor do bem-me-quer!

Que nos seus lábios tenha o beijo da bondade
E mostre em sua bôca a ânsia do perdão!
Que dentro da alma guarde a luz da caridade
E Deus traga consigo unido ao coração!

Sempre, num grande sonho, ela irá ovante,
Mostrando ao mundo inteiro a raça portuguesa,
Acenando a Minerva a Capa do Estudante,
Lançando à sua Dama a rosa da beleza!

E' a mocidade a rir! Deixai-a rir, senhores,
Que todo o riso aberto, e franco, e esfusiante,
E' como num jardim o buliçar das flores
Onde o perfume é vida intensa, perturbante!

* * *

Entre o metro e a batina a diferença é tal,
— Nos *casos de latim e chitas de balcão* —
Que o próprio chafariz antigo do Toural
Afogava a diferença em banhos de cachão...

O' velhinho **Estatuto**, a Academia inteira
Saída com fervor teu vivo Centenário!
Rende-te o coração e guarda-te, altaneira,
Como quem guarda a Hóstia alvente dum Sacrário!

* * *

Cada vez mais senil, mais velha de nobreza,
Vejo-te a caminhar com passos mal firmados,
O' terra que és a Mãe da Terra Portuguesa,
Terra-Mãe de Heróis, Barões-Assinalados!

Há tempos vi-te em frente a um lapidado espelho,
Talvez com tentações de amenar-te ainda...
Mas quando te fitaste e viste o rosto velho
Perdeste a ilusão de transformar-te em linda...

Mas tu podes mostrar ao burgo encanecido
Poder p'ra o transformar em burgo ajanotado...
Tapar-lhe o corpo nú nas dobras dum vestido
De pano bom, de lei, que seja bém talhado...

Podes dar à Cidade, à noite, luz bastante,
Que isto aqui não pareça a treva dum sertão...
Um largo a Sam Francisco esbelto e elegante
Sem *catraios na pincha e jogos de pião*...

Podes mandar erguer um **Monumento aos Mortos
Da Grande Guerra** em márm're, em atitudes bravas,
P'ra que findem de vez *maquettes e abortos*
E não seja a **Memória** apenas de... palavras!

Tu podes abrigar os **Paços do Concelho**
Do horror dos vendavais, dos repêlões do vento...
Tornar realidade o sonho dêsse velho
Mestre da Arquitectura, Artista de talento!

Tu podes construir, e ser pertença tua,
Um **teatro** moderno, airoso na fachada!
Que é uma vergonha ter *cinema pela rua*,
Que é uma tristeza ter *cinema na Parada*...

Tu podes suplicar aos deuses da **Estação
Do Caminho de Ferro** a graça, a gentileza,
De fazerem do seu imundo casarão
Uma **Estação** que tenha o luxo da limpeza...

Podes na tua rua, a que nos mostra e diz,
Na calçada e solar's, os séculos passados,
Limpar muito a rigor, queimar pela raiz,
A chaga que a corrói de vícios depravados...

Podes fazer, sei lá!, surpresas e assombros
Como outrora fizeste as **Festas da Cidade!**
Teu arcaboço tem a fôrça dêsses ombros
Que suportam o pêso eterno da Vontade,
Uma bôca que brada em tom soberbo, austero:
— **Já não sou apatia! Hei-de subir! Eu quero!...**

* * *
Alberto Augusto, um **Xi!** Ricoca, um grande abraço!
Ati, ó Zé-Maria, um perfumado cravo!
Ao Zeferino a mão, em amistoso laço!
Um beijo ao pequerrucho e azougado Bravo!
Ao «Onze» do **Vitória**, alfim, nosso querer!
Hurrah! Por Guimarães! Vencer! Vencer! Vencer!

* * *
Parabéns, parabéns à nobre Autoridade,
Que alfim meteu a rua e o antro da taberna
Na ordem, pacatez, que até já a cidade
Nos mostra outra feição mais *chic* e mais moderna!

* * *
Quisera erguer-te um hino, ó Penha majestosa,
De joelhos em terra e mãos postas em cruz,
Como aquela Oração fremente, harmoniosa,
Que à alma nos cantou a bôca de Jesus!

Um hino que ecoasse em tuas vastas fraldas,
Teus picos de granito, em tua imensidade,
O' monte da paixão do grande Bráulio Caldas,
O' monte onde murmura a Fonte da Saúde!

Quisera erguer-te um hino, ó Penha minha amiga,
Penha farta de côr, de sol e de arvoredos!
Mas que pode dizer-te um verme, uma formiga
Que rasteja em teu dorso erecto de pênedos!?

O' Penha encantadora, as tuas vistas são,
Quando o céu é azul e nada tem de opaco:
— O' suprema beleza e eterna perfeição! —
Mais belas que as de Sintra, irmãs das do Bussaco!

* * *
Um só instante peço, agora, de atenção:
E' o autor que vos fala, a todos, em geral!
Todo o homem que tem no peito um coração
Deve dar sua vida à Pátria, a Portugal!

Tudo por Portugal, que Portugal é nosso!
E' nosso e muito nosso, e nem um palmo, apenas,
O queremos na garra adunca do destrôço,
Nas bôcas do terror sangrento das hienas!

Tudo por Portugal! Por Dom João primeiro
E' de Dom Nuno a voz vibrante que se espalha:
— Queremos livre a Pátria! O Portugal inteiro
Nas pedras do Mosteiro altivas da Batalha! —

* * *
O' garotas da rua e lindas tecedeiras:
Na Avenida lá estão cirenes a apitar!...
Querem cantar convosco as doidas lançadeiras
E quer bailar convosco a teia do tear...
Correi... E' trabalhar, cantar ao desafio,
Que a vida é mesmo assim... E' de girar, girar...
Girar a dobadoira a abarrotar de fio,
Que a lançadeira canta, a teia quer dançar...
O' garotas da rua e lindas tecedeiras:
Cantai, cantai bem alto ao som das lançadeiras...

* * *
Em ninhos de setins, veludos e cambraias
Costureiras gentis trabalham cuidadosas
Na leve confecção de travadinhas saias,
Vestidos de alto preço e capas vaporosas...

Em torno anda Cupido, a rir, com seta de aço
E pica aqui e ali as jóvens, levemente...
Depois, de carmezim, faz um comprido laço
E prende-as uma a uma, a si, ardentemente...

A mestra, de atalaia, ao lado, no salão,
Dá um suspiro longo e um ai de saudade...
E como a reprimir no peito o coração
Murmura para si: — Não volta a mocidade!...

* * *
O' *grisettes* gentis, galantes costureiras
De olhos cheios de luz dum doce rosicler:
Cautela com Cupido, o deus das *brincadeiras*,
Que êle se espeta a seta, às vezes, faz doer...

* * *
Safa a cavalgada! Ao alto as suas lanças
Erguiam as maçãs vermelhas como beijos!
Lacaios e donzéis, conforme eram usanças,
Soberbos no seu porte e mudos de gracejos,
Conduziam no braço as cestas rendilhadas
Onde pomos de amor, formosos, esperavam
Ser entregues em mãos de neve, perfumadas,
Em bôcas de mulher's, ardentes, que beijavam...
Era a nobreza antiga a *Elite de Estudantes*,
Que a entrega ia fazer das *frutas-pecadoras*
E logo dos balcões, de adufas e mirantes
Se iluminava o céu dos olhos das Senhoras!
Com que graça e leveza, e rara fidalguia,
A's Damas era entregue o pomosinho de oiro!
Curvavam o seu busto em vênica e cortezia
Beijavam a maçã como o maior tesoiro!
Damas de Guimarães, Senhoras mais formosas
De todo o Portugal: Nós somos empenhados
— Como nossos Avós, em tempos que lá vão —
A dar-vos amanhã, em lanças fulgurosas,
O nosso coração de moços namorados
Em troca do amor do vosso coração!

* * *
A's armas, batalhões de caixas e tambores!
Maçanetas no ar, com sanha, p'ra batalha!
Que o Estrondo-Supremo acorde entre rumores
Do máximo alvoroço e rábida metralha!
Que estremeçam, no mundo, os vivos, com surpresa
E os mortos, com terror, nas suas frias tumbas!
Que trema, lés a lés, a terra portuguesa
Ao forte ribombar das peles dos zabumbas!